



O CARIOQUISMO DE ANTÔNIO SALES

Antônio Sales considerava o Rio sua segunda pátria. Sempre que se lhe oferecia uma oportunidade não poupava elogios à terra carioca. Certo se recordaria com enternecimento do carinho como foi por lá recebido e do respeito de que era cercado. Não comungava com aqueles que a consideravam fútil e estrangeirada mas sim comparando-a como a mãe que acolhia, sem distinções e generosamente, todos como seus filhos e que nela vêm buscar a fama, a tranqüilidade ou a fortuna.

Quando entrevistado no Rio em novembro de 1922 pelo jornal A Noite, declarava: *"Meu caro, você vem apanhar-me em pleno atordoamento de provinciano recém-chegado, que ainda não tomou pé neste delicioso turbilhão da vida carioca. É verdade que vivi aqui cerca de vinte anos, mas passei agora mais de quatro no meu Ceará e achei muita coisa mudada. Aliás, no Rio eu fui sempre um deslumbrado. Nunca as belezas da cidade se trivializaram para mim. Morei anos no Catete, e nunca consegui, ao passar pela praia da Glória, deixar de levantar os olhos do jornal da tarde para contemplar a baía maravilhosa. . . Em minha terra, que eu amo e onde tenho a presunção de ser estimado, perseguiu-me sempre a saudade do Rio. Ninguém esquece mais esta cidade depois de ter vivido aqui algum tempo. A beleza da terra, a graça das mulheres, a gentileza de toda a gente fazem da capital brasileira uma estância de delícias. Tudo o que a natureza e a alma do Brasil têm de mais encantador aqui se apura num grau máximo"*.

Mas não que as coisas na Metrópole lhe corresse fáceis. Lutou sempre, escreveu muito em diversos jornais e revistas cariocas, fez amigos e inimigos também, tornou-se respeitado e até convidado a se refestelar numa das poltronas da Casa de Machado de Assis.

Reservado, abstêmio, bem casado, vivendo para a intimidade do lar não o seduziam as rodas boêmias, os cafés ruidosos, as confeitarias elegantes mas o grupinho ilustre da Revista Brasileira, núcleo inicial da futura Academia Brasileira de Letras.

Conversando ou escrevendo, não regateava elogios à *"formosa cidade onde nunca me faltaram estímulos, afetos e prêmios aos meus esforços"*. Can-

tou em seus versos Copacabana, a Cascatinha, a Pedra da Moreninha, as cidades serranas de Petrópolis e de Teresópolis, a baía de Guanabara, o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Gávea, as ilhas, o Silvestre, o Dedo de Deus e a beleza e graça da cariocinha, *“desprendendo lampejos de alvorada e aromas de açucenas”*.

Belíssimo o soneto por ele dedicado ao recanto dos eternos namorados, a Pedra da Moreninha, localizada em Paquetá:

*“Naquela pedra muitos namorados
têm ido se sentar, e em tons baixinhos,
conversam longas horas, enlevados,
somente ouvidos pelos passarinhos.*

*Naquela pedra ajustam-se noivados,
trocam-se ardentes beijos e carinhos.
Alguns saem daí desenganados,
e pela vida vão errar sozinhos.*

*Se tudo o que eles dizem se gravasse
na pedra, qual num disco, e ela falasse,
com seus acentos de íntimo fervor,*

*ter-se-ia então ao vivo repetida,
cena a cena, a comédia divertida,
a Comédia velhíssima do amor”*.

Quando de volta ao seu Ceará, Antônio Sales se despediu de sua querida Cidade Maravilhosa com o poema ADEUS AO RIO, um hino de amor, de gratidão e de saudade, ocasião em que rememorou

*“Faz muitos anos já que, peregrino
humilde, eu fui pedir-te um agasalho,
levado pela força do destino,
que me enxotou do meu nativo galho”*.

Comparava a Gávea a uma *“mesa posta para os deuses”*, o Corcovado a um Sinai, as ilhas de Guanabara aos membros da Nereida. Enaltecia a voz melodiosa e cristalina assim como o gingado atrevido da mulher carioca:

*“E é por bebê-la, que a mulher carioca
tem essa voz tão musical que, quando
contra os dentes de pérolas se choca,
lembra cristais finíssimos vibrando.*

*E com as palmeiras clássicas, ao vento
arfando, ela aprendeu esse donaire
do seu corpo de estátua em movimento
ou de falena que entre flores paire”.*

Antônio Sales, um enamorado da terra carioca, ela que o recebeu de braços abertos, ela que lhe tornou o exílio menos amargo.

Adeus ao Rio, uma oração que deveria ser lida por todos os que a ela recorrem não como aventureiros inconscientes mas como operários laboriosos e audazes.

*“Adeus! A tua imagem, Grã Cidade,
guardo-a no escrínio dos afetos meus:
ninguém te amou com mais intensidade
do que esse poeta forasteiro. . . Adeus!”*

A história de Antônio Sales e a candidatura de Artur Bernardes em 1921. O poeta carioca que em vários artigos na imprensa carioca defendeu a candidatura de Artur Bernardes.

As eleições de 19 de março de 1921 aconteceram no município de Nova Friburgo. Artur de Silva Bernardes, e não ficando sem partido como alguns de uma forte coligação, a Frente Republicana. Outros partidos de federação apoiavam a chapa Bernardes-Prado em oposição a Bófia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul defendiam o governo de Getúlio.

Frente divulgadas em outubro de 1923 algumas cartas assinadas por Artur de Silva Bernardes e injustamente atribuídas a Artur Bernardes. O objetivo da carta é chamar a atenção do povo para a situação política e econômica do Brasil e para a necessidade de uma reforma política. A carta foi assinada por Artur de Silva Bernardes e outros membros da Frente Republicana, como José de Jesus Guimarães e Odebrecht Lacerda. A carta foi publicada em um jornal carioca e teve um grande impacto na opinião pública.

Após a eleição de Artur Bernardes em 1921, o poeta carioca continuou a defender a causa republicana. O Clube dos Diários e a imprensa carioca foram importantes aliados de Bernardes. A Frente Republicana, liderada por Artur Bernardes, conseguiu a vitória nas eleições de 1921. A Frente Republicana foi formada por Artur Bernardes, José de Jesus Guimarães, Odebrecht Lacerda, e outros membros da imprensa carioca. A Frente Republicana conseguiu a vitória nas eleições de 1921 e Artur Bernardes tornou-se governador do Rio de Janeiro.

Após Antônio Sales que Bernardes escolheu para ser o primeiro governador do Espírito Santo, não hesando, assim, em apoiar a candidatura de Artur Bernardes. "Por ser a fama de, minha contribuição de 1921 para a defesa do governo da República, Espírito, o do Ceará, Maranhão, e a candidatura de Getúlio, isto é, Artur Bernardes". Todavia, o governador eleito foi Artur Bernardes e a candidatura de Artur Bernardes não se concretizou no Rio de Janeiro.

A Águia de Haia já não se apresentava a imagem anteriormente conhecida. A cidade cobrava-lhe tributo. Passou a ser conhecida, depois, em 12 de março de 1921 renomeia a senhoria para Bahia. O poeta carioca não se deu